



Data: 19.10.2025

Título: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17



Prémio Camões Por um dia, Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

P2

Área: 3039cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8211008



Data: 19.10.2025

Título: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17

Prémio Camões Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

P 14 a 17



Área: 3039cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8211008



Data: 19.10.2025

Título: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17

Ana Paula Tavares

Quer uma "discussão sem medos" nos 50 anos de independência de Angola

Ligado aos ciclos da terra, ao corpo da mulher e à força da oralidade, o seu percurso poético acaba de ser reconhecido com a atribuição do Prémio Camões, o mais importante da Língua Portuguesa. A consagração de uma voz singular, feita de muitos inícios

Por Luís Ricardo Duarte texto e Nuno Ferreira Santos fotografia

No início, foi o espanto e a alegria. Apesar de ser uma das mais consagradas e respeitadas poetisas angolanas, nunca imaginou este dia chegar. "Nunca se imagina", garante Ana Paula Tavares, que no dia 7 de Outubro foi distinguida com o Prémio Camões, o mais importante da Língua Portuguesa. Desligou o telefonema que lhe dera a boa notícia e sentou-se. Primeiro, a pensar "nas tantas outras vozes que poderiam ter sido escolhidas" e, só depois, a sentir a "felicidade", que se alargou à família e aos amigos. Por vezes, durante esse dia que se tornou longo, ainda pensou: "Isto não está a acontecer comigo." Mas estava e, rendida, entregou-se ao "contentamento".

Essa entrega à alegria foi reforçada pelas palavras da filha, que lhe lembrou o caminho percorrido e os obstáculos superados. Entre várias memórias, recordaram, juntas, um dos momentos em que tudo parecia impossível.

Foi já há muitos anos, mãe e filha, esta com 12 anos, mergulhadas numa crise familiar que lhes toldava qualquer visão do futuro. O marido de Ana Paula Tavares estava muito doente, hospitalizado, e viria a morrer pouco depois, e a casa em que viviam em Luanda parecia uma ruína, com uma ruptura na canalização. "Foi um momento de grande perplexidade e sofrimento", lembrou-lhe a filha, agora, passados tantos anos, no meio do júbilo por um prémio tão importante. Recordou-lhe também o que então ambas disseram uma à outra, mãe e filha já cúmplices de uma relação inquebrantável: "Aconteça o que acontecer, agarramo-nos à vida com as duas mãos."

"Foi muito engraçado ela ter recordado esse momento", diz-nos, emocionada, Ana Paula Tavares. "Talvez este Prémio Camões venha dar sentido a tudo, permitir aquela respiração funda que alivia uma vida que foi, em certos momentos, realmente atribulada. Não que eu dê muita importância a isso. As mulheres do meu país, das quais tanto falo, tiveram e têm

vidas muito mais complicadas. Nunca me faltou trabalho, em Angola e em Portugal, por vezes bem pago, noutras nem por isso, mas sempre o suficiente para me proporcionar garantias de sobrevivência." Em todos os momentos, quando a vida lhe pareceu suspensa, aprendeu que ela, apesar de tudo, avança. "É preciso não desistir."

A poesia, não será inesperado ouvi-la dizer, foi fundamental para a sua vida e para essa sobrevivência. "Escrever é suporte, refúgio e salvação", garante. Não precisa de se transformar em nada, nem poema, crónica ou qualquer outro texto. Muito do que escreve fica apenas no papel, como nota ou memória dos dias que correm, uma recordação que muito tempo depois se reaviva. "Essa possibilidade de falar de mim ou sobre os outros, nalguns casos até pelos outros, tem sido o esteio da minha vida."

Se no dia em que recebeu o Prémio Camões ficou "sem palavras", foi apenas porque a excepção, como se sabe, confirma a regra. Já

retomou a cadência habitual. E solicitações não lhe faltam. Sobre Camões, aliás, de quem sempre se sentiu próxima na sua dimensão mais lírica, escreverá uma glosa ao oitavo canto de *Os Lusíadas*. "Não está a ser fácil dar conta do recado", brinca. Mas agora, com este prémio, certamente que não lhe vai faltar engenho e arte.

As mulheres do seu país

No início, na verdade, estiveram as mulheres. É delas que Ana Paula Tavares se lembra quando pensa na importância deste prémio. "As mulheres do meu país não têm voz, nem são ouvidas, tanto outrora, como agora", sublinha. "Se de alguma forma a minha poesia puder dar-lhes essa voz, fazer com que as suas realidades sejam mais conhecidas, as suas dificuldades e inquietações, os seus encantamentos e segredos, então talvez possa dizer que a minha poesia serviu para alguma coisa."

Foi sempre para as mulheres que →



Data: 19.10.2025

Titulo: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17



Área: 3039cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8211008



Data: 19.10.2025

Título: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:

P

P2

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17

QuickCom
comunicação integrada

olhou. Lembra-se de sentir, ainda muito nova, uma enorme curiosidade em relação aos seus silêncios e às suas conversas. Ainda hoje sente um grande respeito por essa capacidade de falar e de escutar, de agir e de aguardar. "Mas a voz dessas mulheres não está nos livros, não aparece. O que sentem elas realmente?"

O apagamento de que fala não é só poético, é também histórico. "Não se pode fazer a História de Angola, incluindo a mais recente, sem sublinhar o papel decisivo das mulheres", garante. Exceptuando alguns esforços recentes, esse trabalho está por fazer. "É preciso dizer que a guerra foi muito violenta para as mulheres angolanas. Perderam pais, maridos e filhos e, sem descanso, mantiveram o país a funcionar."

Sem esquecer os grupos armados femininos que participaram na luta pela independência, cuja acção tem vindo a ser divulgada, lembra as pequenas tarefas que, dentro do esforço da guerrilha, ficavam a cargo das mulheres. "Muitas vezes, porque os soldados portugueses eram menos desconfiados em relação às mulheres, elas levavam as munições de um lado para o outro debaixo dos seus panos, enquanto carregavam outras coisas na cabeça." Muitas, ainda assim, acabaram mortas e delas não reza a história. "Além disso, quando faltava comida e água, eram as mulheres, mais uma vez, que as encontravam, palmilhando os quilómetros que fossem necessários."

"Tudo isso precisa de ser dito", reforça, ainda que ache demasiado pomposo, ou veja com bastante desconfiança, aquela poesia que se apresenta como resultado de uma "missão". "Não quero falar em nome das mulheres, mas sinto que posso dar testemunho do que vi, ouvi e aprendi com elas, partilhando gestos extraordinários." Um deles, recorda, encontrou-o no Leste de Angola, numa das muitas viagens que fez ao interior do país para investigar nos arquivos. Numa região que tinha sido por diversas vezes bombardeada, deparou-se com um grupo de mulheres, novas e velhas, numa cerimónia singular. Abriam uma cova no chão, pegavam em roupa que dobravam com muito cuidado, calças, camisas e outras peças, e enterravam tudo.

Perturbada, no final, perguntou o motivo daquela cerimónia. "Estavam a enterrar os restos imortais dos que não voltaram", lembra. E a conclusão impôs-se: "O que é isto se não poesia? Estas lições que acumulei ao longo da vida ensinaram-me a estar atenta. Escrever é uma tentativa de pôr no papel uma outra sabedoria, um outro olhar sobre a vida."

Por tudo isso, hoje, sente uma enorme esperança ao ver que já se formam movimentos que contestam o lugar atribuído à mulher na sociedade angolana, denunciando o peso do patriarcado. Igual alegria é ver a sua poesia inspirar outras mulheres angolanas a escrever e a criar, como um ciclo que se fecha e se renova.

Sonhos passados, desafios presentes

No início, inevitavelmente, era a utopia. Não se pode ler a poesia de Ana Paula Tavares sem recordar esse apelo que atravessou várias gerações. O de construir um novo país, após a independência de Angola, proclamada a 11 de Novembro de 1975, há quase 50 anos. "Estava tudo por fazer", diz. E todos lançaram mãos à obra. Na altura, já era professora na Escola Industrial e Comercial Artur de Paiva, no Lubango, e era nesse campo que sentia que podia actuar com mais eficácia.

Foi, aliás, à saída de uma aula de alfabeti-

zação ainda clandestina, encoberta pelas cumplicidades da época, que soube da Revolução dos Cravos portuguesa, a 25 de Abril de 1974. Pela distância, a notícia gerou mais reservas do que festejos. "Não se sabia exactamente o que se passava em Lisboa, e cada informação contradizia a anterior. Festa, festa, só a 26 de Abril", recorda. E prolongou-se por vários meses.

Ana Paula Tavares chegou a ver, pelos seus próprios olhos, o que se passava em Portugal, numa viagem breve que fez a Lisboa, em Agosto de 1974. Veio com uma bolsa da Casa de Angola, tentou acabar um curso que iniciara em Luanda, tratou muita gente por "camarada" e recebeu o mesmo tratamento em toda a parte, o que a surpreendeu e lhe encheu o coração. Mas regressou passados poucos meses. Havia um país para construir, uma utopia a realizar.

Voltou às campanhas de alfabetização, percorrendo várias zonas do país. Paralelamente, nesses anos, ocupou alguns cargos de relevo nas áreas da cultura e da história. Participou na criação de novos manuais escolares, foi delegada do Ministério da Cultura no Kwanza Sul, integrou a equipa do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, dirigiu o Instituto Nacional de Património Cultural em Luanda e o gabinete técnico da secretaria de Estado da Cultura.

Do 11 de Novembro de 1975, quando foi declarada a independência de Angola, guarda, no entanto, outras vivências. A mesma alegria, mas já misturada com o receio da guerra civil que se anunciava. A proclamação da independência de Agostinho Neto e do MPLA, de resto, ouviu-a entre os bombardeamentos das forças da África do Sul, aliadas da UNITA. Estava no Kwanza Sul e refugiou-se debaixo de uma mesa, com o ouvido colado ao rádio. Mais tarde, acompanhou a outra proclamação de independência, agora da UNITA, apercebendo-se aos poucos da gravidade da situação. "Na manhã seguinte, enchemos o carro com o que foi possível e fugimos para Luanda", lembra.

Seria a primeira de muitas fugas, adaptando a vida às dinâmicas da guerra, não dando nada por garantido. "Ninguém sabia o que podia acontecer." Dessa arte da fuga guarda sobretudo a solidariedade, imprescindível para a sobrevivência, e a atenção ao essencial: as pessoas. Definidas essas prioridades, em várias casas e paragens ficaram muitos livros e cadernos cheios de versos. Se ao longo da vida foi capaz de refazer essas bibliotecas mínimas, em relação aos escritos há muito que se apaziguou com essas perdas. "Nunca ficaria de bem com a minha consciência se os livros ou os cadernos tivessem ocupado o lugar de uma pessoa", afirma. "A memória reteve o mais importante. O resto, tudo o que vivi, quem sabe se não se transforma em matéria de escrita."

Entre as muitas histórias que guarda dessas partidas sem aviso, recorda a da noite em que deu boleia a um ex-aluno. Ele tinha sido atingido por estilhaços de uma explosão e não conseguia andar. Seguiram pela estrada fora, outra vez com destino a Luanda, mas ficaram atolados na lama a meio do caminho. A operação de voltar a pôr o carro a andar demorou, o esforço foi enorme e só muito mais tarde prosseguiram viagem. Quando pararam em chão seguro, Ana Paula Tavares pegou na sua reserva de comida e levou-a ao ex-aluno, um ovo cozido e uma banana. Depois de tantas horas sem comer, a recusa surpreendeu-a. "Não posso, camarada professora", disse-lhe o rapaz, "ainda não me lavei". Mesmo num país a ferro e fogo, as regras de educação tinham de ser respeitadas.



Mulheres

Em cima, cartão de licenciatura em História de Ana Paula Tavares pela Universidade de Luanda, em 1971; à dir., retrato ao espelho na Figueira da Foz, em 1985; no centro, com a filha Ana, em Luanda, por volta de 1982/83. "As mulheres do meu país não têm voz, nem são ouvidas, tanto outrora, como agora", sublinha a poetisa

À beira das comemorações dos 50 anos da independência, são as cicatrizes de um processo com muitas contradições que estão à vista. "Nos encontros que têm assinalado os 50 anos da independência, qualquer discussão histórica resvala para a actualidade", aponta. "O momento actual é de tal maneira espesso e complexo, de tanto desapontamento, que ocupa todo o espaço da história e da memória. As pessoas estão a viver quotidianos difíceis.



Área: 3039cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8211008



Data: 19.10.2025

Título: Por um dia, a escritora Ana Paula Tavares ficou "sem palavras"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;14;15;16;17



FOTOGRAFIA: CORTESIA ANA PAULA TAVARES

Amantes Desesperados e Como Veias Finas na Terra. Seis livros a que juntou, em 2023, na sua poesia reunida, Água Selvagem.

A acompanhar esta escrita poética esteve a crónica, incluindo nas páginas do PÚBLICO, entre 1999 e 2002, textos que mais tarde reuniu no volume *A Cabeça de Salomé*. Fez o mesmo com as crónicas a que deu voz na RDP África, a cujo lançamento esteve ligada, e em 2026 lançará uma recolha da sua coluna no portal Rede Angola. Na prosa, arriscou ainda alguns contos em volumes colectivos e textos em colaboração, nomeadamente com o escritor Manuel Jorge Marmelo (antigo jornalista do PÚBLICO), em *Os Olhos do Homem que Chorava no Rio*, e, com o mesmo cúmplice, em *Verbetes para Um Dicionário Afectivo*, na companhia ainda de Ondjaki e Paulinho Assunção.

Entre fronteiras

No início, na verdade, fascinaram-lhe os bois. Na Huila onde nasceu, num planalto a dois mil metros de altitude, o olhar podia facilmente perder-se na lonjura do horizonte. Mas havia a serra a impor um limite, uma certa sensação de claustrofobia. Era por aí que andavam os donos dos bois. Nos dias combinados, ou autorizados como veio mais tarde a descobrir, apareciam na cidade e nas aldeias, fazendo o seu comércio. E depois desapareciam. Pequena, Ana Paula Tavares só os via à distância, como uma imagem de mistério e de liberdade que escapava às regras da sociedade colonial. Era, pelo menos, o que pensava, o que a fazia sonhar. Essa imagem nunca a abandonou.

A sua poesia ligada aos ciclos da terra, às flores e aos frutos, ainda presentes nos três inéditos que revelamos nestas páginas e que retomam um ciclo do seu primeiro livro, é muito devedora desse imaginário que ergueu na infância. Também da oralidade que recebia dos pais e das avós. E tudo isso contrastava com a vida que lhe serviam na casa da madrinha, cujo principal sonho era reproduzir no Lubango o que deixara em Viseu. "Tudo tinha de ser igual, até as árvores que plantavam no jardim, quer dessem ou não bom fruto", lembra.

O gosto pela oralidade, de que a sua escrita é tão tributária, surgiu como contraponto a esse mundo português e ordenado. Lamenta nunca ter aprendido as línguas locais, mas ficaram os sons que ainda hoje ecoam como uma memória longínqua, tal como alguns dos seus poemas se revestem da cadência, das tonalidades e das sonoridades dos relatos mais antigos, alguns nunca fixados em escrita ou só muito tardiamente (re)descobertos.

Se na cidade era a rigidez da igreja e dos costumes que regulava o dia-a-dia, junto à serra onde se pastoreavam os bois os rituais abriam-se em exuberância, sobretudo os femininos. "Eram os cabelos que mudavam quando as raparigas deixavam de ser meninas e passavam a ser mulheres; as tintas e os adornos que cobriam os corpos; os cânticos que se entoava. Tudo isso está em mim como uma memória perene", revela.

O planalto e a serra, tal como as gentes da cidade e da aldeia, Angola e Portugal, são uma metáfora do confronto de mundos em que sempre viveu. É dele que emerge a sua poesia e é a ele que sonha dedicar os seus próximos livros: "Gostava, se for capaz, de concretizar dois projectos antigos. Um sobre a ideia de fronteira e o outro cumprindo um pedido de uma das minhas avós: contar a história das mulheres da minha família." Porque no fim, acredita, quando a vida já nos faz duvidar do que ainda somos capazes de fazer, é tempo de voltar ao início.

E muitas não têm o que eu tenho: a idade. Por que eu posso lembrar a euforia, a felicidade, as utopias em que acreditámos."

Aqui, não há poesia que salve ou que facilite o trabalho que tem de ser feito. "Sobretudo nas grandes cidades", reforça. "Em Benguela, no Huambo e no Lobito, mas principalmente em Luanda, há muitos problemas na saúde, nos transportes, na gestão. O salário mínimo é ínfimo. O interior não atrai os jovens porque também não tem infra-estruturas. As instituições falham e colapsam." Perante este cenário, é preciso uma "discussão sem medos".

O poder da palavra

No início, ainda muito nova, encontrou a palavra. E ela, garante, mudou a sua vida. Nascida em 1952, na província de Huila, numa aldeia nos arredores do Lubango, a sul de Angola, Ana Paula Tavares foi criada pela madrinha. Era hábito, na altura, nas famílias com menos posses, escolher um filho para semelhante destino. No seu caso, fazia companhia à madrinha e ao marido, que nunca tiveram descendência, e tinha acesso a uma educação formal e a outras condições de vida.

Aproveitou ao máximo a oportunidade e descobriu o poder do conhecimento e da palavra. Se, aos olhos dos rapazes, não correspondia ao modelo de beleza, ocidental e formatado, com a Brigitte Bardot e a Claudia Cardinale à cabeça, ninguém ficava indiferente às suas notas e à facilidade com que escrevia qualquer texto. Com as palavras criou uma relação forte e natural, sem que hoje saiba explicar muito bem como e porquê. Talvez tenha gostado dos efeitos que os seus escritos tinham no outro. Ou na capacidade de, através deles, colocar-se na pele do que estava longe. Quando precisava de prender a atenção de um rapaz, escrevia-lhe uma carta. E quando as amigas precisavam de provocar efeito semelhante, não hesitava em ajudar, escrevendo uma carta totalmente diferente. Às vezes, encarregava-se até da volta do correio, respondendo pelo rapaz interpelado.

Igualmente lúdicas eram as peças de teatro que escrevia e interpretava, na rua, com os amigos. "Não só escolhia para mim o melhor papel, como mandava naqueles miúdos todos. Era o meu momento", recorda, entre risos. O gosto ficou e multiplicou-se em diários e cadernos que preenchia uns a seguir aos outros.

A escrita, no entanto, sempre foi mais de si para si do que uma voz lançada ao mundo. Isso viria a acontecer muito mais tarde, depois da licenciatura na Faculdade de Letras do Lubango, pois não tinha meios para seguir o curso de Línguas em Luanda. Mas o que aí encontrou provocou outra mudança radical na sua vida. "Tive alguns professores, sobretudo os mais

jovens, vindos de Portugal e recém-licenciados, que rapidamente perceberam a injustiça da sociedade colonial", lembra. Encomendaram novos livros, alargando a oferta da biblioteca, promoveram discussões, dentro da liberdade concedida, e criaram um grupo de teatro que abriu novos horizontes. E a escrita, o uso da palavra, enriqueceu-se.

Quando, passados dez anos da independência de Angola, decidiu que havia chegado o momento de partilhar o que sempre escrevia só para si, a sua poesia, o género que melhor fixava o que tinha para dizer, já se metamorfoseara. Conjugava tradição e modernidade, o que se dizia e o que faltava dizer, o sentimento, mas também o corpo da mulher. "Estávamos em 1985 e eu senti que publicava naquela altura ou não voltaria a ter essa oportunidade", garante.

Sem editoras formadas, cabia à União de Escritores Angolanos (UEA) publicar novos autores, sobretudo numa colecção marcante: Cadernos Lavra & Oficina. Enviou o que viria a ser *Ritos de Passagens*, o seu primeiro livro, e hoje reconhece que foi necessária muita coragem a Luandino Vieira, então secretário-geral da UEA, para o publicar: "Não era o 'nós' da luta que se apresentava, mas o 'eu' da mulher que quer falar; não era a musa mitificada, mas o seu pulsar que sobressaía." O lançamento deu que falar, tendo sido posto a circular o boato de que seria pornográfico, apenas porque dava nome às coisas. "Foi mal recebido, mas foi ótima publicidade, pois o livro esgotou rapidamente", brinca Ana Paula Tavares. O seu nome nunca mais foi esquecido.

Embora não se arrependa de nada, muito menos do que publicou, gostava de ter tido mais tempo para escrever, sobretudo poesia, mas também para tentar dominar a arte do romance, que ainda lhe escapa. "Ao fim de 20 páginas começo a matar as personagens todas", garante. A vida, no entanto, nunca lhe permitiu uma atenção exclusiva. "Talvez agora."

Fixada em Portugal desde os anos 90 do século passado, Ana Paula Tavares foi professora da Universidade Católica e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde, apesar de jubilada, ainda se ocupa de vários projectos e orientações de teses. Especializou-se em História e Antropologia, sempre ligada a Angola. Na tese de mestrado seguiu os passos de Henrique Dias de Carvalho e da sua viagem à Luanda no final do século XIX, analisando a codificação do seu discurso. E, no doutoramento, centrou-se nas histórias em várias línguas dos trabalhadores da mesma região.

Mais espaçada em determinados momentos, a sua poesia foi saindo tanto em Portugal, como em Angola. A *Ritos de Passagem* seguiram-se os livros *O Lado da Lua*, *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos*, *Ex-Votos*, *Manual para*

Outra sabedoria

À esquerda, em Benguela, em 1980; em cima, em Lisboa, em 1977, com a sua filha, Ana, e o seu pai, Geraldo.

"Escrever é uma tentativa de pôr no papel uma outra sabedoria, um outro olhar sobre a vida", diz a mais recente galardoada com o Prémio Camões, a distinção mais importante da Língua Portuguesa

Poemas inéditos

Mãe de milhares*

Cada folha
Mil folhas e
A raiz no chão
Segura a terra
Sob os nossos pés
Tem folhas como braços
Cheias de água
E o corpo aberto
Cura feridas novas
Tem das cores a teoria
Rebenta pelos bordos
Para cobrir a terra toda

**Kalanchoe daigremontiana*

Omuniyandi*

Filha da savana
A árvore fêmea
Oferece os frutos
Na estação seca
Comida de onça
Remédio de gente
Serve como gorta
Ao barro das oleiras

**Diospyros mespiliformis*

Lombula/Omumbula*

Dobram-se os ramos
Delicados frutos
Cheios pesados
De ouro e mel
Que os meninos e os pássaros devoram
Quando a manhã se esgota
E a tarde espreguiça

* *Omumbula-Wapaka benguelensis*